

METONÍMIA DA NAÇÃO: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL MOÇAMBICANA EM *MULHERES DE CINZAS*, DE MIA COUTO

Maria Natalha Morais da Silva Oliveira¹

Sueli da Silva Saraiva²

RESUMO

O presente artigo analisa a obra *Mulheres de Cinzas* (2015), de Mia Couto e sua caracterização para a formação identitária de Moçambique a partir das diversas representações que ecoam na narrativa, com ênfase na protagonista Imani, construindo-se como metonímias da nação, tomando como base questões sociais, culturais, políticas, históricas de Moçambique e presentes na obra. Propõe que o romance em estudo articula múltiplas vozes para a discussão em torno da formação identitária moçambicana e que se verifica a partir da narrativa a presença de violências e resistências nesse processo. Esse artigo tem viés qualitativo e bibliográfico e dialoga com estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa para a caracterização da obra e do autor nesse universo e também com estudiosos que discutem sobre a formação identitária. Portanto, nesse romance histórico Mia Couto apresenta metonímias de Moçambique através da construção dos seus personagens e da própria trama narrativa.

Palavras-chave: Nação. Identidade. Literatura moçambicana. *Mulheres de Cinzas*.

ABSTRACT

This article analyzes the work *Mulheres de Cinzas* (2015), by Mia Couto and its characterization for the formation of identity in Mozambique from the various representations that echo in the narrative, with emphasis on the protagonist Imani, building themselves as metonymies of the nation, based on social, cultural, political, historical issues of Mozambique and present in the work. It proposes that the novel under study articulates multiple voices for the discussion around the formation of Mozambican identity and that the presence of violence and resistance in this process is verified from the narrative. This article has a qualitative and bibliographic bias and dialogues with scholars of Portuguese-speaking African literatures to characterize the work and the author in this universe and also with scholars who discuss the formation of identity. Therefore, in this historical novel, Mia Couto presents metonymies of Mozambique through the construction of her characters and the narrative plot itself.

Keywords: Nation. Identity. Mozambican literature. *Mulheres de Cinzas*.

¹ Graduada em Letras- Português pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

² Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Doutora e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP); Bacharel em Letras (Inglês e Português) pela USP; Licenciada em Letras (Inglês) pela Faculdade de educação (USP).

1 INTRODUÇÃO

Moçambique assim como Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde e Brasil passou muito tempo sendo colônia de Portugal. Além disso, este país africano índico teve suas lutas de libertação sendo propulsoras para obter sua independência em 1975 organizada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Nesse sentido, a literatura vai desenvolver papel fulcral, pois desenvolve uma literatura anticolonial que apresenta, discute e traduz as complexidades do período colonial e pós-colonial no país e que por ser escrita e divulgada em sua maioria na língua do colonizador vai problematizar a questão identitária. Assim, surge uma literatura empenhada e que se preocupa com as questões sócio-políticas de Moçambique como afirma Noa (2008, p.36), “[...] será nos inícios do século XX que, efetivamente, surgirão as primeiras elites letradas de origem africana responsáveis por textos que se instituirão como verdadeiros precursores da literatura moçambicana”.

Nesse cenário, insere-se o escritor Mia Couto que tem sua obra de grande relevância por várias razões, sobretudo “como fator de construção da identidade nacional moçambicana” (CAVACAS, 2006, p. 57). Ademais, por sua obra apresentar uma crítica social e política e por representar um mundo de diversidades é que essa discussão se configura como pertinente. Além disso, contribui para a compreensão dessa diversidade que impacta na formação da identidade nacional moçambicana e para a reflexão de que essa identidade e a história do país são formadas por várias vozes, o que se torna um desafio uma vez que há uma assimetria entre Norte e Sul.

No final do século XIX, além das invasões dos portugueses, vemos ao Sul as invasões dos nativos sobre terras de outros grupos e etnias africanas e, portanto, a formação do Império de Gaza sustentado por uma figura aplaudida e heroificada por uns e problemática para outros. Tal figura é Ngungunhane que irá fazer parte da narrativa do romance histórico *Mulheres de Cinzas* (2015), o primeiro volume da trilogia *As areias do Imperador*, de Mia Couto. Com intenções próximas, esses dois impérios entraram em alguns acordos e negociações para desfrutarem dos territórios moçambicanos como apresenta Duarte³ (2016).

³ Os acordos funcionaram apenas de maneira teórica, pois na prática não foram cumpridos uma vez que o imperador de Gaza não esperou “autorização portuguesa para atacar, incendiar aldeias e extorquir bens de outras tribos”. E percebendo os interesses de outras potências pelo território, fez

Sem êxito, sem consenso ou mesmo por verificarem que essas negociações não beneficiariam a todos, resolveu-se delimitar os territórios moçambicanos e com isso, a diplomacia entre Ngungunyane com Portugal entraria em disputas e ficaria cada vez mais acirrada a busca por terras e por mão de obra para servi-los, como verificamos no seguinte trecho da obra: “Se não confirmamos o predomínio de nosso poderio, esses régulos vacilarão e, com receio de tal punição, voltarão a ser súbditos do grande rei de Gaza”(COUTO, 2015. p. 80). É perceptível as rivalidades e a incessante busca dos colonizadores em demonstrarem sua superioridade diante do Imperador africano que ameaçou o domínio português naquele período. Assim, de acordo com Ribeiro (2005) falhadas todas as tentativas de diálogo entre os Impérios, a única “solução” seria o confronto militar e “Ao longo do ano 1894 a vigilância e a inquietação dos portugueses sobre as intenções do Ngungunhane eram muito vivas”. (RIBEIRO, 2005, p.264).

Além desse personagem histórico, vemos ainda outros atores sociais envolvidos no período colonial em Moçambique ao mesmo tempo da formação do Império, como africanos e portugueses que ficaram à margem de narrativas ou da historiografia oficial como portugueses degredados que foram enviados à Moçambique, as mulheres africanas e outras vozes narrativas que aparecem na obra. Indagamos como o romance histórico *Mulheres de Cinzas* (2015) problematiza a discussão em torno do processo de formação das identidades moçambicana, a partir da construção de metonímias da nação. E como as violências e resistências aparecem na guerra colonial e contribuem para a formação dessa identidade.

Embora exista uma grande produção sobre a formação da identidade moçambicana, ainda é pouco discutida essa identidade a partir de outras vozes que compõe essa moçambicanidade e, principalmente que dialogue com esse contexto que Mia Couto estabelece em *Mulheres de Cinzas*. Ou ainda, que discuta sobre essas vozes de mulheres e de outros protagonistas que fizeram e fazem a História de Moçambique, mas que pouco se apresenta em narrativas. Podemos mencionar nessa mesma linha de construção identitária, a escritora Paulina Chiziane que também traça um diálogo a respeito do processo identitário de Moçambique, principalmente a partir

alianças não somente com Portugal, mas também com Grã-Bretanha para usufruir de alguns benefícios, no entanto sob pressão “Ngungunhane não pôde mais valer-se da ambiguidade diplomática para desobedecer aos acordos feitos com Portugal”.(DUARTE, 2016, p.199)

de personagens femininas e sua condição enquanto mulher moçambicana, a exemplo da obra *Niketché — uma história de poligamia* (2002) e também no livro *As andorinhas* (2017), dessa mesma autora, em que temos um conto “Quem manda aqui” que retrata justamente a personagem do imperador.

O romance histórico *Mulheres de Cinzas* coloca em cena Imani, uma jovem de Nkokolani, colonizada, e o militar português Germano de Melo, que foi enviado à Moçambique em uma situação que para ele se assemelha à condição de degredado. Além disso, vão aparecer na narrativa outros personagens que possuem relevância na obra como os pais, irmãos, avô e tio de Imani, o próprio Imperador de Gaza e seu exército e os demais portugueses. Por isso, objetivamos compreender como a narrativa presente nessa obra, de Mia Couto se caracteriza para a formação identitária de Moçambique a partir das diversas representações que ecoam na narrativa e que se constroem como metonímias da nação, tomando como base questões sociais, culturais, políticas, históricas de Moçambique e presentes na obra. Pois segundo Piedras:

As identidades, em qualquer forma, estão em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia de ser, mas de tornar-se. Os protagonistas da narrativa mostram Moçambique como terra das partidas e das chegadas. Enquanto uns eram trancafiados em navios negreiros para seguirem seus destinos, outros chegavam de deferentes lugares (árabes, portugueses, indianos) para se mesclaram à cultura africana. (PIEDRAS, 2017, p.21)

Nessa perspectiva, esta introdução embasa nossas reflexões sobre a construção identitária de Moçambique a partir de metonímias da nação, ou seja, o romance retoma aspectos históricos de Moçambique para dialogar com a Tradição e a Modernidade e evidenciando conflitos identitários que perduram por muito tempo, como o próprio processo de heroificação do Imperador de Gaza, o relacionamento amoroso de um colonizador por uma colonizada, as marcas e impactos da colonização e das disputas dos Impérios.

2 MULHERES DE CINZAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MOÇAMBICANA

Com a independência política de Moçambique em 1975, após as lutas anticoloniais, a figura de Ngungunhane enquanto um Imperador anticolonial seria

utilizada para a construção da identidade moçambicana e afirmação de um nacionalismo, através de um processo de heroificação dessa figura utilizando todo o embate e a derrota desse império, inclusive sua morte, para o “projeto de construção da nação” (RIBEIRO, 2005, p. 258), recebendo reconhecimento da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) por ter sido o primeiro a resistir ao poder colonial. Do mesmo modo, o presidente de Moçambique, Samora Machel, em 1983 requisitou os restos mortais do Imperador de Gaza com o argumento de resgate do passado e afirmação da cultura e identidade nacional, mesmo essa figura apresentando uma personalidade com aspectos negativos, principalmente ao Sul de Moçambique, em que Ngungunhane foi tão invasor e opressor quanto os portugueses.

Dessa forma, de acordo com Omar Ribeiro Thomaz (2009, p. 269) “A identidade moçambicana contemporânea cruza identidades construídas em meio à institucionalização do Estado colonial, em meio a guerra de libertação e a formação do país como Estado nação independente”, assim não existe uma história única sobre Moçambique e essa identidade contemporânea repercute desde esse período do Estado colonial em que se fabricou essa percepção sobre o Estado de Gaza enquanto herói, mas que existe uma dualidade: herói para quem?

Todo esse contexto aparecerá não só em “Mulheres de Cinzas”, mas também nos outros volumes da trilogia *As areias do Imperador*, volume 2 intitulado “Sombras da água” e o volume 3 “O bebedor de Horizontes”. Na narrativa, o conflito entre o Imperador de Gaza com os portugueses e a presença de uma pequena tribo no litoral de Moçambique, os Vaxxopi, mostra um novo modo de pensar a identidade moçambicana porque resgata esse passado histórico inserindo uma nova maneira de perceber esse tempo através de outras vozes e trazendo novos questionamentos, inclusive sobre essa figura heroificada por uns e opressora para outros, no século XIX.

Mulheres de Cinzas mostra diferentes identidades que se mesclam, ou seja, há uma pluralidade de histórias, de lutas, de vidas no final do século XIX. De um lado está o território que hoje forma Moçambique como objeto de desejo dos dois grandes Impérios, dos colonizadores e do Imperador de Gaza, de outro temos os próprios moçambicanos no meio desse conflito buscando relações com o que consideram mais forte para tentarem sobreviver nesse embate como verificamos no seguinte trecho do romance:

A nossa terra, porém, era disputada por dois pretensos proprietários: os Vaguni e os portugueses. Era por isso que se odiavam tanto e

estavam em guerra: por serem tão parecidos em suas intenções. O exército dos Vaguni era bem mais numeroso e poderoso. E mais forte eram os seus espíritos, que mandavam nos dois lados da fronteira que rasgou a nossa terra ao meio. De um lado, o Império de Gaza, dominado pelo chefe dos Vaguni, o imperador Ngungunyane. Do outro lado, as Terras da Coroa, onde governava um monarca que nenhum africano haveria nunca de conhecer: Dom Carlos I, o rei de Portugal. (COUTO, 2015, p. 17)

Assim, a pequena tribo dos Vaxopi, no Sul de Moçambique, se constitui como uma das tribos de domínio português e, portanto, se coloca em oposição ao Ngungunhane: “Nós os Vaxopi”, somos dos poucos que habitam as Terras da Coroa e que se aliaram aos portugueses contra o Império de Gaza”. (2015, p. 17).

A história é narrada pela voz de uma menina-mulher e intercalada por cartas de um militar português. Nesse percurso vamos percebendo como se deu o processo de colonização e a própria história do país em busca de uma identidade através desse caráter de mosaico em que o novo com o antigo se harmonizam conforme explicita Moreira e Ribeiro sobre os romances de Mia Couto. Assim, para Mia Couto:

[...] a identidade forja-se, também, pelas pequenas histórias das pequenas coisas e dos homens comuns que vivem na marginalidade da grande História, mas que, no rasto e evolução do tempo são, no fim de contas, aquilo que confere a essência cultural a esta última; é o quotidiano, ilustrado e revelado pelas histórias simples que, no seu maravilhoso sonhado, é apresentado como verdadeiro alicerce de uma identidade que se sonha, que se deseja, sonhos e desejos que passam pela mudança, por novas vozes, por um novo tempo congregador para cuja estabilização a memória colectiva contribui. (MOREIRA; RIBEIRO, 2017, p. 34).

Nessas circunstâncias, observamos um panorama histórico de Moçambique sendo revelado através dos personagens. O cotidiano de quem viveu ao Sul de Moçambique, em meio a guerra, no século XIX, e que tem uma história, um sonho, uma criação, uma cultura que contribui para o “dinamismo das identidades (RIBEIRO; MOREIRA, 2017, p. 34).” Imani, a menina-mulher do Vaxopi, narradora do romance, já inicia questionando sua própria identidade através de seu nome:

Chamo-me Imani. Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna “Imani” quer dizer “quem é?”. Bate-se a uma porta e, do outro lado, alguém indaga:
— Imani?

Pois foi essa indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta. (COUTO, 2015, p. 15)

A identidade dessa personagem já possui um misto de significações antes mesmo de nascer. Em sua terra, o nome- elemento que identifica as pessoas-, segundo a tradição, é sussurrado antes de nascer. Mas, o dessa personagem foi-lhe dado inicialmente um nome que, segundo o adivinho, estava equivocado. Logo após, constataram que não era o nome que estava errado, mas a vida da criança. Isso porque estavam se referindo a identidade de uma jovem que cresceria e aprenderia a língua do colonizador, serviria como intérprete e que seu maior desejo era ser mãe, mas ainda não era, mesmo que em sua tribo todas as jovens de mesma idade já fossem mães.

Tempos depois Imani seria batizada recebendo o nome Cinza e por não vingar esse nome, porque as pessoas só a chamavam de A viva, para diferenciá-la das irmãs que haviam morrido, seu pai resolveu que ela não receberia nome nenhum, pois “Atribuir um nome é um ato de poder”(COUTO, 2015, p. 17) e semelhante a esse processo é a construção identitária porque não se pode limitar a algo ou alguém, ou seja, a identidade é um ato de poder e que é construído a partir das experiências passado e presente, nessa dinâmica do tempo.

Por isso, Mia Couto em representação de Imani apresenta que “cada moçambicano é um construto cultural” (MOREIRA; RIBEIRO, 2017, p. 31) como podemos observar no seguinte trecho “[...] Não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra. Sou dos Vaxtopi, uma pequena tribo no litoral de Moçambique” (COUTO, 2015, p. 17).

Constata-se a verdadeira razão pela qual a personagem teve complicações com seu nome, pois seria a representação identitária de um povo. Ela representaria o sentimento de pertença e de resistência ao mesmo tempo em que iria se descobrir envolvida entre dois mundos, envolvida no processo de misturas e na multiplicidade de diferentes povos como afirma Moura (2018). O pai de Imani usa-se de uma fábula para exemplificar esse fenômeno:

Certa vez, um morcego tombou ferido numa encruzilhada de caminhos. Passaram por ali os pássaros e disseram: olha, um dos nossos! Vamos ajudá-lo! [...] porém, ao ver o morcego moribundo, comentou: ele tem pelos e dentes, não é um dos nossos, [...]. passaram os ratos e disseram: olha, é um dos nossos, vamos salvá-

lo! E conduziram-no a presença do rei dos ratos, que proclamou: tem asas, não é dos nossos! [...] E ali morreu, só e desamparado, aquele que quis pertencer a mais de um mundo. [...] esta história não é sobre morcegos. É sobre você, Imani. Você e os mundos que se misturam dentro de ti. (COUTO, 2015, p. 88-89).

Katini, pai de Imani antecipa as adversidades que a filha terá ao ter contato com o mundo português, ou seja, por meio do encontro com a língua portuguesa e pelo envolvimento que ela teria com o sargento português. Há um alerta para que a jovem não se deixe envolver a ponto de não se reconhecer como africana e não conseguir também se encaixar no mundo do colonizador.

2.1 REPRESENTAÇÕES METONÍMICAS EM *MULHERES DE CINZAS*

A narrativa de *Mulheres de Cinzas* apresenta metonímias que refletem o período colonial no Sul de Moçambique, no século XIX, as invasões do Império de Gaza e por conseguinte a resistência do povo em processo de formação identitária. Ou seja, ao ler o romance e pensar sobre ele, estabelecemos uma relação com o contexto histórico, social e político de Moçambique antes das lutas de libertação, assim caracteriza-se a Metonímia como um processo cognitivo, como afirma Santos (2011, p. 47), “[...] atribui-se ao uso da metonímia a possibilidade de se colocar em evidência certas características da entidade a que se faz referência.”

A protagonista deste romance histórico se constitui como uma metonímia da nação⁴, pois trazia várias inquietações sobre quem ela era e a qual mundo pertencia, a começar pelo seu próprio nome Imani, que em sua língua queria dizer “Quem é?”. Paralelamente, quem era Moçambique no século XIX e quem é Moçambique na contemporaneidade? Seria Moçambique essa mulher de cinza tal qual Imani? Segundo Chikazi, mãe da narradora do romance, o nome Cinza foi dado para protegê-la, pois “[...] quando se é cinza nada nos pode doer” (COUTO, 2015, p. 27).

A visão do pai da protagonista era que seria necessário fazer laços para sobreviverem, já que estavam passando por duas invasões, assim ele afirma:

-Dizem que me entreguei aos portugueses, dizem que vendi a alma aos brancos. Pois eu pergunto: você conhece o passarinho que vive nas costas do hipopótamo? [...] Todos dizem que o tal pássaro vive às custas do paquiderme. Mas, quando a ave desaparece, o hipopótamo

⁴ Consideraremos nação pelas palavras da própria personagem Imani, tendo em vista que naquele período não havia ainda um Estado nação. No entanto, já havia um processo de reconhecimento identitário e de pertencimento a um povo, no caso os Vaxtopi.

morre em poucos dias. E concluiu com entusiasmo de uma nova descoberta:

- Eu sou essa avezinha nas costas do hipopótamo. Sou eu que sustento os VanLungu, os brancos das terras da Coroa[...] (COUTO, 2015, p. 91).

Katini, ao utilizar esse aforismo está mostrando para sua filha que em uma guerra não haveria nulidade e que eles precisariam escolher um lado. No entanto, tal como o pássaro eles precisariam também viver às costas dos portugueses para então conseguirem posteriormente condições de sobrevivência e resistência ao colonialismo. Mas essa atitude era mal vista por parentes de Katini, inclusive dentro da sua própria casa. O seu filho Dubula, havia se aliado aos invasores Vaguni e devido a isso não compactuava com as ideias de seu pai. Quando criança, Dubula participou dos rituais de iniciação e obedeceu às antigas tradições e com o tempo foi se afastando de sua família:

[...] Dubula escrevera no corpo a marca de um outro nascimento. Ele já não era nosso. Ele era um *nguni*, igual aos outros que negavam sua existência. Abracei-o como se nunca mais o fosse ver. Ou como se já o tivesse deixado de o ver. E pedi-lhe que fosse embora antes que nosso pai chegasse. (COUTO, 2015, p. 52)

Dubula desde cedo aprendera sobre sua cultura e recebeu uma educação não europeia, foi circuncidado e obteve treinamento nas florestas e era esperto e inteligente. Diferentemente de seu irmão Mwanatu, desde cedo influenciado pelos portugueses, recebeu uma educação dos brancos e catequética. É descrito como um “lerdo”, “incapaz”, mas foi trabalhar como ajudante do militar português Germano. Seu sonho era ir para Lisboa e entrar para a Escola do Exército. Imani, assim como o irmão Mwanatu recebera educação catequética e aprendera a língua do colonizador, assim foi escolhida para ser a intérprete dos portugueses. A protagonista destaca que “As diferenças entre os meus irmãos traduziam os dois lados da fronteira que separavam toda a nossa família. Os tempos eram duros e pediam-nos que escolhêssemos fidelidades” (COUTO, 2015, p. 50)

Essa família representa uma metonímia de Moçambique, no século XIX, ao expor a situação da colonização e das invasões. Moçambique separado e rasgado por tantas diferenças culturais. Dubula a representação daqueles que se opuseram à colonização, mas foram também opressores por também brigarem por território.

Mwanatu, o assimilado por conveniência, pois aceitava muito bem os colonizadores e até se aculturava para melhor passar: “A lealdade de Mwanatu para com a Coroa portuguesa envergonhava nossa família. Com exceção do meu pai, que tinha outro parecer: enquanto estivéssemos sob proteção da Coroa lusitana, aquela fidelidade, fosse verdade ou fingimento, dava-nos imenso jeito”. (COUTO, 2015, p. 50)

E Imani que estava entre esses dois mundos, com traços culturais dos dois, mas sem conseguir ou sem poder escolher a qual dos dois pertence, estava então nesse processo de descoberta de si:

Naquele momento confirmei o que havia muito suspeitava: não há nada neste mundo que não esteja sob a minha pele. A rocha, a árvore, tudo vive por baixo da minha epiderme. Não há fora, não há longe: tudo é carne, nervo e osso. Talvez não precisasse de engravidar. Dentro do meu corpo se abrigava o mundo inteiro. (COUTO, 2015, p. 218)

Com uma linguagem poética e assertiva, Mia Couto vai construindo metonímias que exemplificam os aspectos identitários de Moçambique. Esse território que estava abrigando várias diferenças culturais que repercutem na história e na construção identitária até os dias atuais. A língua, os modos de vida, as guerras e invasões, os “heróis”, entre outros estavam sob a epiderme de Moçambique contribuindo para a sua identidade enquanto se constituía como nação. Assim, ao narrar sobre a percepção de Imani sobre a dança, a qual as mulheres só poderiam participar ao final quando fossem procurar por seus filhos que caíram devido à guerra e consequentemente morreram, o autor retoma os malefícios da colonização no país e o quanto foi violenta:

Umas tantas mães destacavam-se do público e faziam de conta que procuravam os filhos entre os soldados tombados no solo.[...] _ Não gostou, minha filha?- Inquiria, no final, a nossa mãe. Eu acenava que sim, que tinha gostado. E ela passava o braço sobre o ombro e confortava-me: *Aquilo é brincadeira, minha filha*. Mas havia na sua voz e no peso do seu braço uma tristeza bem maior que a minha. E ela explicava a razão daquela melancolia: fosse nos palcos de dança, fosse nos verdadeiros campos de batalha não se encontra um filho que seja apenas nosso. Todos os que tombaram são nossos filhos. As mães da minha terra trazem o luto de todas as guerras. (COUTO, 2015, p. 90)

Independentemente do tipo de batalha que estivessem passando, a mãe de Imani, reconhecia que todos estavam em uma mesma situação. E metonimicamente seriam os filhos de Moçambique nesses campos de batalha, por isso ela estabelece

uma relação de coletividade “Somos família, vivemos de uma vida só” (COUTO, 2015, p. 138).

Nesse sentido, podemos ainda estabelecer uma relação metonímica na divisão e nas intrigas de Katini com seu cunhado Musisi. Os dois tinham modos de pensar distintos e sempre estavam em discussão. Os dois personagens são bem distintos, Katini assimilado e Musisi não assimilado e a única aproximação entre os dois era a oposição ao Império de Gaza. Vê-se ainda na narrativa que esses personagens nunca querem perder ou se rebaixar ao outro. Estão sempre em uma posição de exigir respeito e como a “tia Rosi” afirmava: “O que os dividia era a disputa de poder” (COUTO, 2015, p. 139).

Essa disputa de poder era o alvo da Coroa portuguesa e também de Ngungunhane que também não estavam mais preocupados com acordos, apenas com quem consegue mais territórios e essas disputas impactou na identidade de cada indivíduo, ou seja, na maneira de se verem e na maneira dos outros o enxergarem como sendo de um Império ou de outro, tal como a discussão de Katini e Musisi:

[...] Os portugueses já se meteram demais na nossa vida. Não sou como seu marido que já não sabe quem é, nem de onde vem.”
 - Eu sou muchope de coração. Tal como você, caro cunhado.
 - Não me chame muchope! Quem inventou esse nome foram os invasores. Eu cá sou dos VaLengue, que é o nosso nome mais antigo. Eu venho do arco e flecha, gosto de peixe e não uso boi para cerimónia.
 - Você, meu caro cunhado, não é mais fiel aos nossos antepassados do que eu. (COUTO, 2015, p.142)

Com esse discurso há uma inquietação sobre quem são, ou melhor se ainda mantém as raízes culturais e de seus antepassados devido ao convívio com os colonizadores. Na realidade, metonimicamente, há uma crítica ao que o colonialismo pode fazer e fez através da assimilação e aculturação.

2.2 A GUERRA: VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIA

O romance *Mulheres de Cinzas* em questão expressa como ponto fulcral da narrativa a guerra que assolou o Sul de Moçambique no fim do século XIX. E nesse meio podemos verificar não somente a violência de uma guerra, mas também violências desde a assimilação e aculturação devido ao colonialismo. Ademais, Mia Couto destaca nessa narrativa a participação feminina a partir da protagonista Imani

em um período em que as mulheres não tinham forte participação em decisões políticas, sociais, tampouco de escrita etc.

A narrativa desse romance histórico mostra a narradora mulher e letrada em um contexto majoritariamente masculino que é a guerra:

A diferença entre a Guerra e a Paz é a seguinte: na Guerra, os pobres são os primeiros a serem mortos; na Paz, os pobres são os primeiros a morrer. Para nós, mulheres, há ainda uma outra diferença: na Guerra, passamos a ser violadas por quem não conhecemos. (COUTO, 2015, p. 107)

Destaca-se o papel da mulher em meio a guerra e as possíveis violências e opressões sofridas por elas. O papel que cabia a elas eram o de serem esposas e mães para se tornarem de fato, mulheres. Mas, muitas eram levadas presas, violentadas e mortas pelo Imperador de Gaza ou mesmo serviam aos portugueses. Podemos então traçar alguns perfis que cabiam às mulheres: a mulher que respeitava o os costumes de seu grupo, que respeitava os costumes e tradições africanas, a exemplo da mãe de Imani, e a mulher que teve outro ensinamento, no caso, o dos brancos, cristão, europeizado.

As mulheres que respeitavam os costumes de sua família e grupo étnico tinham por destino casarem cedo e terem filhos, cuidarem do lar, ou seja, tinha uma linha imaginária⁵ que separava funções femininas e masculinas e para serem consideradas efetivamente mulher dependiam do matrimônio. Por isso, Chikazi insistia em apresentar esses ensinamentos à filha:

A mãe entendeu a minha tristeza e sentou-se ao meu lado. Não me tocou, não me olhou. Como se falasse sozinha foi dizendo: Eu era mulher e as mulheres de Nkokolani devem pertencer a alguém para deixarem de ser ninguém. É por isso que às moças solteiras se atribui o nome de *lamu*, palavra que significa “aquela que espera”. É um modo de dizer que seremos pessoas apenas depois de sermos esposas. (COUTO, 2015, p. 204)

Evidencia-se o caráter de dependência da mulher e a sua valorização apenas a partir de outra pessoa. Essa ideia era algo ensinado desde cedo para a jovem Imani. Ela também presenciava as humilhações e violências físicas que sua mãe passava

⁵ Consideramos imaginária no sentido de não estar demarcado fisicamente essa linha. No entanto, percebe-se claramente a divisão de funções que cabem a homens e mulheres em algumas situações.

sempre que seu pai estava bêbado. Chikazi mostra a violência física sofrida pelas mulheres desde que nascem mulheres. Existe uma naturalização dessa violência, quase que uma aceitação. Em um diálogo de mãe e filha, vemos essa naturalização:

- A sua mãe também era espancada?
 - A avó, a bisavó e a trisavó. É assim desde que a mulher é mulher. Prepare-se para ser espancada também você.
 - [...]
 - Gosto de cinza- disse eu- faz-me lembrar anjos, não sei porquê.
 - Dei-lhe esse nome para a proteger. Quando se é cinza nada nos pode doer.
- Os homens bem me poderiam espancar. Ninguém haveria nunca de me magoar. Era essa a intenção daquele batismo. (COUTO, 2015, p. 26/27)

Ao passo que existe um discurso que coloca a violência como algo natural, quem sabe até cultural, passando de geração em geração sem contestação, há também um movimento de resistência a essa violência ao se tornar “Cinza”. Segundo Micheletti, existem múltiplas interpretações para cinzas:

Ao tratar de uma época de Moçambique marcada pela liderança de uma figura masculina, Couto aborda a situação das mulheres, as quais são relacionadas a “cinzas” em vários sentidos. Como em um jogo de múltiplos significados, as “cinzas” podem representar tanto o silenciamento imposto às mulheres, o impedimento de participarem das decisões naquele meio social, quanto o desejo, muitas vezes, de serem menos vistas, não lembradas, para não sofrerem a opressão. (MICHELETTI, 2019, p. 1480)

Assim, evidencia-se também a resistência dessas mulheres em meio a todo um contexto masculinizado e a própria guerra. Imani, transporta o perfil dessa mulher que quer ser mãe, esposa, que também respeita as tradições, mas também de uma mulher resistente em vários sentidos, desde uma mulher letrada, até uma mulher que entra em meio aos destroços de uma guerra para salvar seu irmão, até ter coragem para questionar e desobedecer ao seu pai ao dizer que não quer mais pegar em morcegos para fazer marimbas. E resistente ao ser ela a usar uma arma para atirar no militar Germano de Melo para salvar seu irmão Mwanatu. Imani estava à frente de seu tempo- em relação ao seu contexto cultural- de sua condição social e de gênero, rompendo barreiras, inclusive na guerra e trazendo um olhar para a questão identitária:

A crueldade de uma guerra não se mede pelo número de campos nos cemitérios. Mede-se pelos corpos que ficam sem sepultura. Era assim que pensava enquanto escolhia onde pisar, entre gente despedaçada,

chacais e aves de rapina. A maior ferida da guerra é não deixarmos nunca de buscar os corpos de quem amamos. Quem diria que eu seria uma dessas mulheres condenadas a caminhar a vida inteira entre cinzas e ruínas? (COUTO, 2015, p. 256-257).

Nesse primeiro volume da trilogia, quem coordenou as guerras foram os soldados do Imperador de Gaza. Os portugueses ainda não possuíam forte arsenal bélico e também não possuíam mão de obra para isso e por esse motivo buscava conhecer os territórios portugueses em Moçambique e dialogar com o Ngungunhane. A família de Imani foi para Nkokolani já vítimas de guerra e não demorou muito para que tal episódio se repetisse novamente:

Meu avô tinha a minha idade quando as nossas terras foram pela primeira vez invadidas. Não entendíamos por que motivo essa gente nos tomava por bichos e apreciava mais os seus bois do que os povos que submetiam. Não entendíamos porque razão roubavam o nosso gado, matavam a nossa gente e violavam as nossas mulheres. Chamava-nos de tinxolo, as “cabeças”. Era assim que nos olhavam: contados como escravos, descontados como bichos. A ferro e fogo, fundaram um império que passou de avô para filho, de filho para neto. E era agora este neto, o Ngungunyane, que nos voltava a punir. (COUTO, 2015, p. 113).

Era esse o preço que muitos moçambicanos pagavam em meio a guerra e em meio ao sistema colonial que feria as pessoas que se opuseram ao sistema imperial. Para o imperador, eles eram escravos e animais que deviam submissão, mas essa opressão e violência tornou-os mais fortes:

A persistência da agressão criou mudanças na nossa gente. O facto é que sempre vivêramos dispersos em entretidos e pequenos conflitos de vizinhança. Mas aquela ameaça uniu-nos numa única entidade. Tornámo-nos VaChopi, os “do arco e flecha”. Resistimos à invasão dos Vanguni, mantivemos a nossa língua, a nossa cultura, os nossos deuses. Pagamos caro essa teimosia. (COUTO, 2015, p. 113).

A resistência é determinante nessa construção identitária de afirmação cultural. O sentimento de união frente à violência os tornava irmãos, povo do mesmo povo. E isso era a arma mais poderosa para lutar em meio a essa guerra e ao próprio colonialismo. O sacrifício que em muitos casos era a própria vida valeria a pena para

se verem livres do poder imperial. Anos mais tarde, essa união expandiu os territórios de Moçambique repercutindo no movimento da Negritude e do panafricanismo⁶.

Para Dubula, irmão de Imani, a Coroa Portuguesa era ainda mais cruel do que Ngungunhane, por isso era tão favorável ao Imperador de Gaza e deu a sua vida acreditando em seus ideais, mas não retrocedeu. Para ele os brancos poderiam ser bem mais perigosos, pois segundo a sua filosofia “[...] o monarca Nguni era um imperador já sem império; os brancos eram um império sem imperador. Um imperador termina quando morre; um império faz morada na nossa cabeça e permanece vivo mesmo depois de desaparecer” (COUTO, 2015, p. 250). Para Katini, independente de quem ganhasse a guerra, eles estariam fadados a serem oprimidos, por isso se aliava ao que ele considerava mais forte.

A guerra era tão destrutiva que impossibilitava as pessoas de retornarem a casa seja porque morriam, ou seja porque já não existia casa. Metaforicamente, a casa seria a representação de Moçambique ao passar pela guerra “Eis o que faz a guerra: a gente nunca mais regressa a casa. Essa casa- que outrora foi nossa-, essa casa morre, nunca nela ninguém nasceu. E não há leito, não há ventre, não há sequer ruína a dar chão às nossas memórias”. (COUTO, 2015, p. 261). A guerra destrói as memórias, impacta nas identidades porque se tem uma casa antes da guerra e depois da guerra.

Mas assim como “A foz do rio é a nascente do mar” (Couto, 2015, p. 341) a história vai sendo contada e desaguando de acordo com o seu Tempo, assim como as identidades vão se formando dessas múltiplas vivências do ontem, o hoje e o amanhã. Assim, Imani com sua forte resistência diz que:

Esta é a história dos rios. Poderão roubar a sua água até secarem. Mas não roubarão a sua história. Agora entendo: apendi a escrever para melhor relatar o que vivi. E nesse relato vou contando a história dos que não têm escrita. Faço como meu pai: na poeira e na cinza escrevo os nomes dos que morreram. Para que voltem a nascer das pegadas que deixamos. (COUTO, 2015, p. 342).

Imani, evidencia que a guerra pode até causar grandes perdas, mas a história de seu povo nunca será apagada. A História de Moçambique perpassa por essas tramas de guerras, mas a memória do povo é como a história dos rios, não pode ser

⁶ Mesmo temporalmente os contextos sejam diferentes, o da narrativa e o do surgimento do Movimento da Negritude e do Panafricanismo, o que se coloca na narrativa é semelhante ao intuito desses movimentos. O desejo de mudança, a persistência e união são características que estiveram presentes nesses movimentos, por isso a referência a eles.

apagada. E a escrita entra como um fator de resistência ao deixar registrado, inclusive através da literatura, os nomes dos que morreram lutando por um lugar melhor, por um país mais justo e dos que ainda vivem e continuam buscando por esse desejo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance histórico “Mulheres de Cinzas”, de Mia Couto apresenta metonímias de Moçambique através da construção dos seus personagens e da própria trama narrativa. Verifica-se como a questão identitária é bastante complexa e como vai se construindo através das múltiplas vivências e situações que o povo moçambicano passou e passa, isto é, como as questões da Tradição e da Modernidade se constroem para esse fator identitário.

Várias são as representações e esse romance coloca em questão um período histórico marcado por várias opressões e violências. O período colonial e o impacto desse fenômeno para os moçambicanos, a invasão do imperador de Gaza, no século XIX e a opressão causada por ele são momentos que a História oficial nos mostra e que Mia Couto através de sua narrativa relembra e choca ao colocar outras vozes narrativas como a de uma mulher protagonista entre dois mundos e a de um militar português, evidenciando assim a questão identitária e denunciando mais uma vez as consequências do colonialismo.

Esse primeiro volume da trilogia apresenta esse mosaico de identidades e também aponta para algumas questões importantes como a participação das mulheres em uma guerra ou mesmo enquanto protagonistas de sua história, de sua vida, tomando suas decisões. Além disso, a voz de um militar português que ao seu ver estava em situação de degredo por ter participado de revoltas republicanas e por isso apontava também algumas críticas ao império português. Existe ainda um preâmbulo de um relacionamento amoroso entre a jovem africana e o português, mesmo com todas as diferenças culturais e ainda a família de Imani que ficou dividida e havia nela tantas peculiaridades que representa Moçambique.

Outras questões são colocadas como um fator identitário como a questão linguística, uma vez que Mia Couto coloca a língua do colonizador, entretanto coloca escolhas lexicais próprias da tribo Vaxtopi. Assim, podemos verificar as marcas e posicionamentos ideológicos a partir das línguas. A leitura e a escrita também ganham conotações importantes como um fator de resistência.

REFERÊNCIAS

CAVACAS, Fernanda. “**Mia Couto - palavra oral de sabor quotidiano/palavra escrita de saber literário**”. In: Chaves, Rita; Macêdo, Tania. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006. p. 57-73.

CHIZIANE, P. **Niketché**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2945722/mod_resource/content/1/CHIZIANE-Paulina-Niketché-Uma-historia-de-poligamia.pdf. Acesso em 04 dez. 2021.

_____. *Andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.

COUTO, Mia. **Mulheres de Cinzas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DUARTE, Carina Marques. **Voltar ao Princípio dos Princípios**: Revisão Crítica Do Passado e Afirmação da Tradição em Ualalapi. PPG-LET-UFRGS, vol. 12 núm. 01, 2006, pp 196-211. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/167345/001047756.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 07 jul. 2021.

MICHELETTI, E. F. **Os (con)textos da resistência feminina**: nação, guerra e identidade em obras de Mia Couto e de Paulina Chiziane. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 1476–1494, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i3.2272. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2272>. Acesso em: 07 jul. 2021.

MOURA, Adriano Carlos. **Nacionalismo e Hibridismos Identitários no Romance Histórico Mulheres de Cinzas, de Mia Couto**. v. 8 n. 2 (2018). Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/2179>. Acesso em 07 jul. 2021.

NOA, Francisco. “**Literatura moçambicana: os trilhos e as margens**”. In: Ribeiro, Margarida Calafate et alii. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 35-45.

PIEDRAS, Ana Lúcia dos Santos. **O Mosaico de Identidade em Mulheres de Cinzas, de Mia Couto**. 2017. 72 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3881/2/ANA%20L%C3%A9CIA%20DOS%20SANTOS%20PIEDRAS.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.

RIBEIRO, Fernando Bessa. **A invenção dos heróis**: Nação, História e Discursos De Identidade em Moçambique. vol. 9, núm. 2, 2005, pp. 257-275. Centro em Rede de Investigação em Antropologia Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3723/372340336003.pdf>. Acesso em 07 jul. 2021.

RIBEIRO, O. M. M.; MOREIRA, F. A. T.. **Mia Couto**: viajante e afinador de identidades. **Navegações**, 10(1), 30-35, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/25272/15884>. Acesso em 07 jul. 2021.

SANTOS, Ione Aires. **Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo**. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3740/1/tese_5064_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ione%20Aires%20-%20Completa.pdf. Acesso em 04 dez. 2021.

THOMAZ, O. R.. Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação: Não Vamos Esquecer!. **Via Atlântica**, (16), 267-273, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50481/54592>. Acesso em: 07 jul. 2021.